

*Tese: O Trabalho do Professor do CEETEPS diante da atual conjuntura,
nesse início de Século XXI*

O Desencanto da Máquina - (Nádia Capettini Hancini - aluna)

“ O homem de ontem era o homem-vida. O homem esperança. O homem calmo, das longas distâncias, do convívio exterior, da vida pacata. Respirava, sorria, cantava... e amava. Seu mundo era tudo. Além dos horizontes, não se interessava. Vida livre, integrada na natureza. Olhava ao seu redor e via flores, pássaros, gente. Tudo era vida, e ele era a vida.

Porém, tudo muda. O homem de hoje é o homem-homem. Sem sentimento, só razão. O homem barulho. O homem buzina. O homem que acorda respirando poluição e dorme com ela. É o homem que sonha com o campo, e passa seus dias no tráfego louco das ruas congestionadas. É o homem-telefone, televisão, comunicação. É o homem calado, parado, sozinho. É o que ama a criança, e toma a pílula. O homem sem tempo. De tempo contado. O homem relógio.

E o homem do futuro? Será o homem-máquina. Que falará por equações matemáticas. Que não sentirá, não pensará; só fará cálculos. O homem que já se terá esquecido há muito das flores. O homem que terá tudo o que desejar, através de botões, de computadores. "Filhos de olhos azuis, cabelos louros, cérebro superdotado? estão na prateleira número três!" Será o homem-futuro. Aquele com o qual o antigo sonhava, o moderno está criando e a máquina substituirá...”

A partir desta redação que expressa o pensamento de uma aluna, que não é de uma escola técnica, mas que se fosse não pensaria diferente, faremos uma reflexão: algum pedagogo já disse “ Aluno só existe na escola”. Ele só existe porque existe a escola. A escola produz o aluno em função do mundo e produz melhor na medida em que esta escola estiver em sintonia com este mundo.

A escola é um espaço normalizador. As vezes consegue “normalizar”, mas tem sido mais difícil para a escola pública executar esta tarefa. Os alunos estão mal formados na base, nos conhecimentos específicos e nos conhecimentos gerais.

A recuperação da escola está nas mãos não só do professor mas de todos os seguimentos e, apesar do desempenho positivo de muitos trabalhadores dentro dela, o seguimento centralizador, responsável pelo recrutamento e seleção, pela aprovação de verbas e distribuição das mesmas dentro do CEETEPS (como sua diretoria) não tem feito muito para superar esta crise.

Falar de crise é reconhecer os sinais que a sociedade emite para que as instituições repensem.

Somos trabalhadores sociais: o perfil do jovem que vem à nossa escola é o perfil das empresas atuais. É preciso haver uma adaptação e as verdades devem ser desmistificadas.

A organização social, econômica e cultural está sofrendo corrosão e está corrompendo também o caráter das pessoas.

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

CONTRIBUIÇÃO: PROF^a OLIVIA M.C.R. IERVOLINO

Educador que trabalha em escola técnica é, antes de tudo, EDUCADOR e não cientista ou técnico. Nesta situação de transição é preciso otimizar o trabalho de formação dos alunos. No processo de recrutamento e na avaliação do professor deve se pensar não só em exigências cobradas a um cientista mas pensar no ser humano com talento também para continuar aprendendo, com suporte da organização, para ficar atento ao saber científico. Que ele tenha condições de instrumentalizar seu aluno para alcançar o saber.

Estamos passando de um modelo de organização social e econômica em transição, que põe em cheque os princípios e valores que a modernidade constitui a partir do século XVI e mais ainda a partir do século XVIII, com os princípios da Revolução Francesa e a ascensão da burguesia.

No século XX sentimos a modernidade muito mais expressiva. Os aspectos fortes que prejudicam a modernidade são muitos, mas vamos falar apenas de alguns.

O homem organiza a sociedade, domina a natureza, acredita neste modelo porque crê na razão. Seria o modelo capitalista. Foi preciso criar um mundo que se integrasse para produzir e consumir, e criar o “mercado mundial”. As nações foram paulatinamente integradas pelas trocas. Nestas trocas, países e nações, culturas e pessoas também são trocadas. Vendemos “bens simbólicos” e isto provoca um choque com os bens ou valores do passado, como a honra, a honestidade, a moral. Mas há um choque também nesta troca de mercadorias, já que os valores delas não são os mesmos e determinadas nações se sentem prejudicadas.

Criar este mercado de trocas foi criar também um estado permanente de competição. E não é só competição neste sentido anterior, mas a idéia de ser o melhor, a idéia de excelência, marca a vida das pessoas, o que tem um aspecto ético, moral, com conseqüências importantes quanto a isto tudo.

A idéia de individualismo se alia à questão da competição, mas é nociva porque há o sentimento de solidariedade ou o sentimento comunitário ainda embutido dentro de nós. Se alguém tem que ser melhor, mesmo sem querer, coloca-se em oposição ao outro. O outro parece não lhe acrescentar nada. Pelo contrário, parece atrapalhar a sua ascensão, o seu crescimento. Daí termos de encarar o individualismo como uma verdade ou até uma ideologia.

A sociedade tem sido eficiente no fato de tornar natural esses valores e assim, as pessoas deixam de entender outros valores éticos, morais, religiosos e desagrega o sentimento comunitário. Mas as pessoas sentem falta disso. Os jovens, por exemplo, se agrupam em torcidas organizadas, em gangues. Os mais velhos se prendem à família, procurando resgatá-la.

Estes aspectos (mercado, circulação de mercadoria, alta competitividade e individualismo) sobrevivem, se mantêm porque se revolucionam. Quando o individualismo se torna acentuado há uma reação contra ele. De tempos em tempos. Em 1848 Karl Marx escreveu em seu manifesto do partido comunista: “trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”. A burguesia só pode se manter no poder na medida em que se revoluciona; isto é, tudo que é sagrado pode ser profanado. Tudo que é sólido se desmancha. O que garante estabilidade hoje, não existirá mais amanhã. Os valores serão permanentemente atacados.

A revolução não acontece apenas na técnica ou na tecnologia mas nos valores, o que nos causa mal estar porque não identificamos nesta revolução a verdade.

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

CONTRIBUIÇÃO: PROF^a OLIVIA M.C.R. IERVOLINO

As transformações permanecem no modo de vida, no modo de produzir: tornam tudo velho, antes mesmo que tenhamos tempo de nos familiarizarmos com o que vem para ser novo. É uma corrida contra o tempo.

Este modelo de produção é modelo contra o tempo. O tempo é o fator mais importante nesta lógica. Qualquer instituição precisa de tempo para planejar, executar, maturar e colher seus resultados. Com mudanças rápidas e contínuas não há tempo para isso.

O avanço da técnica vai alterando nossos padrões de verdades. O que sempre nos deu segurança é a estabilidade e hoje não temos certeza de nada como nossos avós tinham, quanto a vida mais estável. Até nós, quando estudávamos, tínhamos melhores perspectivas quanto a nossos empregos, depois de formados. O ser humano tinha mais estabilidade para saber o que se esperava dele, para saber o que é certo e o que é errado, não só como profissional mas como gente, homem, mulher, adolescente, criança.

Os padrões mais gerais estão com dificuldade de serem entendidos ou aceitos: a família, a sexualidade, o amor, a fraternidade, o respeito etc. o acelerado processo de automação desencadeia a perda destes padrões.

Uma parcela significativa de pessoas, que tinham sua identidade na profissão, vai perdendo esta identidade, como o sapateiro e o padeiro (a automação os substituiu em quase tudo) e estas pessoas vão sendo excluídas do mercado de trabalho.

As pessoas inteligentes, esses “geniozinhos” que dominam a máquina, a tecnologia, dominam também as outras pessoas e suas vidas. Esta situação atinge todos os campos de nosso cotidiano.

Se o tempo é coisa importante, a nossa vida está regulada por ele, pela forma de como ele é administrado. Por exemplo: trabalhar com 400 alunos, pegar várias turmas, ensinar, preparar provas, corrigir provas, tratar de outras questões pessoais ou familiares como abastecer a casa, cuidar da alimentação ou da saúde de filhos e parentes, e receber promessas de redenção? Temos a máquina para nos substituir e nos iludir e não nos sobra tempo para cuidar de nós mesmos.

As grandes empresas, os grandes bancos, controlam o tempo e esse mesmo tempo para o saber não o temos; não temos mesmo o tempo para o ócio. Não temos tempo de deglutir o que vemos, ouvimos ou lemos, de pensar em tudo e colocar o pensamento em “prosas” longas e “papos furados”.

Isto gera instabilidade. Este modelo gera uma preocupação em fracionar tudo, o que impede de perceber o coletivo. Os modelos são feitos para que nos adaptemos a eles e não para que nos satisfaçam. Tudo isso nos desvincula da idéia de uma identidade com o que fazemos.

A sociedade se constitui em cima do ter. É sociedade de consumo, das relações com a mercadoria e tudo que produzimos e consumimos é mercantilizado. Os seres humanos se sentem, na maioria das vezes, gratificados por comprar. É a sociedade do efêmero, do descartável e tem dificuldades em consolidar valores.

Na escola, os padrões tradicionais se perderam. Nossos alunos percebem outros valores: o poder dos meios de comunicação não é vinculado a outra preocupação a não ser VENDER. Os valores que esses meios veiculam trazem para a sociedade dificuldades maiores ao invés de soluções ou resultados positivos. Por exemplo: nossos alunos ouvem

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

CONTRIBUIÇÃO: PROF^a OLIVIA M.C.R. IERVOLINO

vários registros, falam rápido, ouvem rápido e várias informações ao mesmo tempo, mas escrevem mal, seu vocabulário é pobre porque estão por demais envolvidos pelo reflexo a cultura de massa. A televisão substituiu o contato com os livros, com as conversas familiares, o que foi o contraponto desta identificação.

O professor, com sua formação, muitas vezes não é compreendido pois consumir é consumir todos os símbolos desta cultura. E muitas vezes, ele tem outros símbolos deglutidos e bem assimilados.

Reflexo: a escola se organizou como uma empresa, mas ela não vende mercadoria, ela vende conhecimento. Por exemplo, a escola particular: dita referenciais até para escola pública porque aparentemente ela é mais organizada, sabe como e o que ensinar, tem mais equipamento e é melhor administrada. A organização racional vem da transposição desses modelos. O modelo da escola vem do modelo da empresa (da esteira, do menos complexo para o mais complexo) e é modelo racional, lógico.

Mas a escola não lida com mercadoria, lida com seres humanos. Ela tinha o modelo que era reproduzir saberes mas não produzir saberes. Hoje, ela reproduz outro modelo: uns pensam, outros executam. Esta divisão alienou o fazer do docente: alienação do educador como produtor de saberes.

O professor reproduz e se aliena o que empobrece o seu pensar. Os alunos também foram perdendo suas características e perderam seu conceito de escola. Amam a escola nos primeiros anos, depois não gostam mais, “matam” aulas, porque a escola não correspondeu aos seus anseios. A escola perde a importância para eles e perde a importância para a sociedade. E o saber que encontram na escola é cada vez mais distante da sua realidade. Muitos deles também perderam suas famílias: pai, mãe, refeições com todos os membros da família, contato com os irmãos, diálogos etc.

A moralidade se constrói primeiramente no lar mas, hoje, há crianças muito informadas mas pouco formadas. O momento de troca que se estabelecia se foi perdendo.

Por outro lado, no campo do saber a incerteza é maior porque muito do que a escola ensina hoje já foi muitas vezes desmentido, reformado, revisto, substituído, ultrapassado. A escola jamais conseguirá acompanhar este ritmo e ela não foi feita para isso. Ela é um local de reflexão para o aluno poder pensar e fazer suas escolhas. A escola não muda o mundo mas ela ESTÁ no mundo.

Não é porque as pessoas têm boa formação que fazem boas escolhas, entretanto a escola tem que encontrar sua identidade, definindo se vai só reproduzir conhecimento ou vai também produzir conhecimento. Cabe à escola questionar o que está sendo vendido como única alternativa de organização da vida.

Terá como meta objetivos pedagógicos para criar pessoas capazes de compreender este mundo e suas mudanças. Deverá Ter um projeto: metas definidas, rumos a seguir. Não o ideal utópico mas os princípios básicos para a formação nas diferentes áreas de conhecimento humano.

É preciso recuperar o caráter profissional da função do educador. Os professores têm uma nova tarefa neste momento: não é só o conteúdo, o conhecimento informativo a sua preocupação. Aquele que só pensa no **ser** também não é suficiente. Ele deve ser um educador atento a tudo que seja politicamente informado. Seus princípios devem

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

CONTRIBUIÇÃO: PROF^a OLIVIA M.C.R. IERVOLINO

organizar os saberes que ele tem que ministrar e, assim, o aluno vai perceber através dele, o mundo, para que esta visão o habilite a fazer suas escolhas.

Resgatar a identidade do professor é preciso. É preciso, também que cada um, em suas diferentes funções una-se a todos, sem que se percam os papéis. É urgente criar uma identidade para que o trabalho tenha resultado. Se não houver um trabalho com princípios únicos não há resultado. É preciso construir uma identidade de trabalho com valores comuns. Todo mundo na escola deve construí-la, mas sem modismos ou experiências passageiras. É preciso Ter o “norte” conceitual e impedir que qualquer novidade entre na escola sem crítica. Desenvolver um processo de avaliação mais significativo, padronizar o mínimo: ao se preparar uma prova, deve-se levar em conta que habilidades e que competências são desenvolvidas nas aulas para serem avaliadas posteriormente.

A escola deve ser um modelo de escola auto-reflexiva porque pensa e produz pensamento. Ela tem que pensar de maneira coletiva, se não cada um faz o que achar melhor e ela se perde. Há que se criar um espaço de reflexão e discussão pedagógica.

Temos uma luta pela sobrevivência mas não temos uma diretriz de princípios. Não podemos reproduzir dentro da escola o que se faz lá fora: a fragmentação. Há que se discutir o que é função de cada um e que se refletir o conhecimento que vem de fora para que se critique todas as informações.

O ensino de cada disciplina tem vinculação ética com o mundo lá fora. Deve haver também uma luta contra a burocratização das práticas pedagógicas, lembrando sempre que a escola é apenas uma parte na vida de nossos alunos, mas uma parte significativa. Deve-se viver um processo de educação que mobilize tanto professor quanto aluno.

Não querer discutir só tende a acentuar o mal-estar docente. “Alguns abandonam a escola ficando dentro dela”. Sentem-se desconectados, descontextualizados. Se estão fazendo isso, o prejuízo do ponto de vista existencial é muito grande, mas do ponto de vista do aluno é muito maior.

O aluno tem que ter, no ensino médio, certo conhecimento técnico ou domínio científico, sem abandonar o rigor do saber, com perspectivas de mudar suas expectativas. O ensino técnico tem que ser também permeado do ponto de vista profissional para que o ser humano que está na escola tenha menos dificuldades quanto à adequação ao mercado. O modelo de sociedade excludente não permite, muitas vezes oportunidades aos nossos alunos, mas a consciência desta mesma sociedade pode ser mais humanitária, recuperando estas oportunidades para ser mais justa. A pior coisa que pode fazer um professor é convencer seu aluno mas, temos um trabalho importante: levá-lo a pensar a não submeter-se às imposições culturais, sociais e econômicas.

E fazendo um retrospecto recente, devemos lembrar neste encontro de profissionais do CEETEPS que nem sempre as mudanças têm significado melhorias para nossa sociedade.

Pelo contrário, têm provocado algumas incoerências e nos deixam muitas interrogações. O famoso decreto n. 2208/97, que regulamentou mudanças na LDB, em seus artigos 39 a 42 da Lei n. 9394/96 iniciou uma nova etapa no Ensino

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

CONTRIBUIÇÃO: PROF^a OLIVIA M.C.R. IERVOLINO

Profissionalizante no Brasil, provocando transformações curriculares no ensino técnico e no ensino médio.

Estas transformações procuraram acompanhar as mudanças no mundo moderno. Após a aprovação pelo conselho deliberativo do CEETEPS, as propostas foram editadas e enviadas até 1999 para todos os professores de todas as escolas da rede.

A redação destas propostas fala textualmente, quanto aos objetivos a serem alcançados com o educando, entre outros:

- conhecimento dos princípios científicos e tecnológicos requisitados pelo atual sistema de produção, dos códigos contemporâneos de linguagem e de conceitos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania;
- qualificação para o exercício de uma profissão;
- pré-requisitos para continuidade de sua formação em nível de 3º grau.

Em seguida, o CEETEPS, através de suas propostas fala dos objetivos para o mesmo ensino médio:

- fortalecer as relações entre a educação e o trabalho;
- oferecer novas oportunidades de acesso à educação profissional de nível técnico ou superior;
- otimizar os recursos humanos e materiais já existentes nas Unidades Escolares de sua rede de ensino.

Procuraremos, em seguida, comentar alguns destes itens:

Primeiro:

- Os conhecimentos dos princípios científicos e tecnológicos pelo atual sistema de produção são suficientes?
- Os códigos de linguagem (a língua inglesa, a língua espanhola, a linguagem de informática) são satisfatoriamente oferecidos aos nossos alunos?

Segundo:

- O CEETEPS tem fortalecido as relações entre a educação e o trabalho?
- O CEETEPS oferece, em tempo, novas (novíssimas, atuais) oportunidades de acesso à educação profissional de nível técnico ou superior?
- Ao otimizar os recursos humanos existem programas eficientes de valorização do profissional que trabalha em sua rede de ensino?

Não encontramos, em muitos momentos da nossa vivência numa escola dentro da sua rede, verbas disponíveis para o crescimento pessoal e profissional, nem incentivo pelo empenho ou estímulo para investimento em nossa carreira com recursos próprios. Pelo contrário, muitos têm pensado em, outros efetivamente têm optado por, deixar definitivamente todas as aulas que lhes foram oferecidas, por conta de um salário aviltante e injusto.

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

CONTRIBUIÇÃO: PROF^a OLÍVIA M.C.R. IERVOLINO

Acreditamos que muitos que ainda compõem os quadros das unidades, em todos os níveis, ainda aí permanecem, muitas vezes, por falta de opção, dadas as atuais dificuldades de empregabilidade no Brasil e no mundo.

E será que esta escola assim idealizada está em sintonia com este mundo?

Professora Olívia Maria de Carvalho Rocha Iervolino

Unidade: ETE Bento Quirino

Bibliografia:

- LDB – 20/12/96
- Portarias e Decretos – 1997
- Coordenadoria do Ensino Técnico – Administração Central – Caderno “As propostas do CEETEPS”
- Castro, Edmilson – palestra “A crise da modernidade e seus reflexos na educação”

